

## Livros didáticos de história de Sergipe: questões sobre um objeto da cultura escolar

---

*Hermeson Alves de Menezes<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo reflete sobre a produção dos livros didáticos de história de Sergipe, quais os diversos agentes envolvidos nessa produção, quais as relações entre os momentos de produção e os livros produzidos, as mudanças e permanências na prática editorial - de um livro para outro e entre as várias edições de uma mesma obra. A investigação sobre a história do livro e das edições didáticas em Sergipe ainda está por ser feita, e se justifica pela pouca ênfase dada à temática pela historiografia didática e por permitir a compreensão das relações inerentes à produção dos livros didáticos de História de Sergipe, seus sujeitos, práticas e usos no processo de ensino e aprendizagem. Acreditamos que as características materiais dos impressos didáticos têm papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem e, portanto, na construção da cultura escolar.

**Palavras-chave:** livro didático, História de Sergipe, cultura escolar.

### **Textbooks of Sergipe History: Questions about a School Culture Object**

**Abstract:** The present article reflects on the production of textbooks of Sergipe History, which the diverse involved agents in this production, which the relations between the moments of production and produced books, the changes and stays in the editorial practice - of a book for another one and enter some editions of a same work. The investigation on the history of the book and didactic editions in Sergipe still is for being made, and if it justifies for the little emphasis given to the thematic one for didactic historiography and to allow the understanding of the inherent relations to the production of textbooks of Sergipe History, its subject ones, practices and uses in the process of education and learning. We believe that the material characteristics of didactic printed have fundamental paper in the teach-learning process and, therefore, in the construction of the school culture.

**Keywords:** Textbook, Sergipe History, school culture.

Artigo recebido em 05/10/2015 e aceito em 28/10/2015

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

## Introdução

O que é um livro didático? Esta pergunta pode ser respondida de diversas formas. Uma delas seria “é um objeto da cultura escolar”. Uma resposta simples que nos leva a uma análise complexa, mas que não deixa de ser instigante fazê-la, levando em conta a necessidade de conhecermos o universo onde está inserido uma das ferramentas didáticas mais presentes no cotidiano escolar do aluno brasileiro.

Começemos, no entanto, por separar os termos. Livro, didático, cultura e escolar. O exercício etimológico nos ajudará a compreender nosso objeto e os caminhos de sua construção.

Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, *livro* é:

substantivo masculino. 1 coleção de folhas de papel, impressas ou não, cortadas, dobradas e reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura etc., formando um volume que se recobre com capa resistente; 2 livro (acp. 1) considerado tb. do ponto de vista do seu conteúdo: obra de cunho literário, artístico, científico, técnico, documentativo etc. que constitui um volume [Segundo as normas de documentação da ABNT e organismos internacionais, o livro é a publicação com mais de 48 páginas, além da capa.] Obs.: cf. *folheto* ('publicação não periódica') Ex.: <l. de arte> <leu todos os l. de Saramago> 2.1 livro (acp. 2) em qualquer suporte (p.ex., papiro, disquete etc.); 3 cada um dos volumes que compõem um livro (acp. 2); tomo; 4 cada uma das partes em que se divide uma obra extensa (p.ex., a Bíblia) Ex.: o l. de Isaías; 5 caderno ('volume') para registro ou anotação de algo; 6 coletânea de documentos diplomáticos relativos a determinado assunto, publicados por um governo para conhecimento do público (p.ex., o *l. azul*, na Inglaterra)<sup>II</sup>.

Dáí podemos aferir dois aspectos: um relacionado ao conteúdo presente nos livros: “literário, artístico, científico, técnico, documentativo”, e acrescentaríamos “escolar”; outro relacionado à materialidade do impresso, seu formato e materiais que o compõe – aspecto que iremos privilegiar neste texto.

Já o termo *didático*, é apresentado como:

adjetivo 1 relativo a didática; 2 destinado a instruir Ex.: <livro d.> <material d.>; 3 que facilita a aprendizagem Ex.: recursos d.; 4 que proporciona instrução e informação, assim como prazer e divertimento Ex.: <programa d.> <atividade d.>; 5 característico de professor, de didata Ex.: fala de modo d. com os filhos; 6 Uso: pejorativo. que denota didatismo Ex.: a julgar pelo seu ar d., deve acreditar-se superior aos colegas<sup>III</sup>.

Desta feita, observamos a ligação estreita com o ato de aprender: o que é didático instrui, informa, facilita o aprendizado; mas também contém elementos

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

subjetivos como o prazer, a diversão, o modo como os pais se dirigem aos filhos, além da conotação valorativa de superioridade àquele que detém um “saber didático”.

Ao refundirmos as palavras livro e didático, poderíamos prever que livro didático não possui uma conceituação simples. Pelo contrário, é um objeto de extrema complexidade, como bem afirmou Circe Bittencourt:

A natureza complexa do objeto explica o interesse que o livro didático tem despertado nos diversos domínios de pesquisa. É uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece à evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencente aos interesses do mercado, mas é, também, um depositário dos diversos conteúdos educacionais, suporte privilegiado para recuperar os conhecimentos e técnicas consideradas fundamentais por uma sociedade em determinada época. Além disso ele é um instrumento pedagógico “inscrito em uma longa tradição, inseparável tanto na sua elaboração como na sua utilização das estruturas, dos métodos e das condições do ensino do seu tempo”<sup>IV</sup>. E, sem dúvida, é também um veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura”<sup>V</sup>.

Vejam agora nossos outros termos. O dicionário Houaiss explicita que cultura pode ser entendida como:

substantivo feminino 1 Rubrica: agricultura. ação, processo ou efeito de cultivar a terra; lavoura, cultivo Ex.: c. do solo 1.1 Derivação: por metonímia. Rubrica: agricultura. parte cultivada de um sítio, unidade produtiva ou região 1.2 Derivação: por metonímia. Rubrica: agricultura. produto de tal cultivo; plantação, criação ou desenvolvimento com cuidados especiais Ex.: c. do feijão, de rosas, do bicho-da-seda; 2 Rubrica: agricultura. m.q. *cultivo* ('produção com técnicas especiais'); 3 Rubrica: biologia. cultivo de célula ou tecido vivos em uma solução contendo nutrientes adequados e em condições propícias à sobrevivência; 4 criação de alguns animais Ex.: c. de moluscos, de peixes; 5 Derivação: sentido figurado. o cabedal de conhecimentos, a ilustração, o saber de uma pessoa ou grupo social Ex.: estudioso, possuía uma vasta c.; 6 Rubrica: antropologia. conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social Obs.: cf. *contracultura*; 7 forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico); civilização Ex.: <c. clássica> <c. muçulmana>; 8 complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins Ex.: um governo que privilegiou a c.<sup>VI</sup>.

Baseando-nos na conceituação oferecida por Houaiss, consideramos que a cultura se apresenta com aspectos que se ligam ao corporal e ao intelectual do homem: o cultivo da terra, a sobrevivência física, o corpo; o conhecimento, o saber, os costumes,

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

as tradições e os valores intelectuais. É, portanto, algo que penetra o homem em sua totalidade, seja nas atividades para prover as necessidades orgânicas, seja nas atividades do intelecto – e aí estão inseridas as relativas ao aprendizado escolar.

Por fim, o termo escolar, é definido como:

adjetivo de dois gêneros 1 relativo a escola Ex.: período e.; 2 que se destina à escola Ex.: edição e. de Castro Alves; 3 que é utilizado na escola Ex.: uniforme e.; 4 que é próprio de escola Ex.: prédio e. substantivo de dois gêneros 5 aquele(a) que estuda na escola; estudante<sup>VII</sup>.

A partir da descrição do Houaiss, o termo materializa algo com identidade singular, que perpassa o concreto, a temporalidade e absorve em si o aluno, identificado ao vocábulo de forma unívoca.

Constatamos, da mesma forma, que a cultura escolar não se apresenta como algo fácil de ser conceituado, tendo em vista as diversas esferas às quais se liga mesmo tendo uma precisa delimitação: a escola. No processo de buscar entender essa cultura que se forma na e pela escola, Dominique Juliá afirma que a cultura escolar é:

um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização: aqui se encontra a escalada dos dispositivos propostos pela *schoolled society* que seria preciso analisar; nova religião com seus mitos e seus ritos contra a qual Ivan Illich se levantou, com vigor, há mais de vinte anos. Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando isso é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares<sup>VIII</sup>.

Detentor de uma norma (currículo) e suporte de uma prática (o ensino de História), buscaremos explicitar a importância do livro didático como objeto da cultura escolar e, especificamente, o estudo dos aspectos materiais dos impressos didáticos de

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

História de Sergipe - investigação que realizamos no Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Nossas principais indagações giram em torno da forma como foram produzidos estes manuais, quais os diversos agentes envolvidos nessa produção, quais as relações entre os momentos de produção e os livros produzidos, as mudanças e permanências na prática editorial - de um livro para outro e entre as várias edições de uma mesma obra.

A investigação sobre a história do livro e das edições didáticas em Sergipe ainda está por ser feita, e se justifica pela pouca ênfase dada à temática pela historiografia didática e por permitir a compreensão das relações inerentes à produção dos livros didáticos de História de Sergipe, seus sujeitos, práticas e usos no processo de ensino e aprendizagem. Acreditamos que as características materiais dos impressos didáticos têm papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem e, portanto, nas construções da cultura escolar.

Como assinala Circe Bittencourt, estudar o livro didático se justifica, ainda, pela complexidade do objeto e suas múltiplas facetas: é mercadoria, é depositário de diversos conteúdos educacionais, é instrumento pedagógico e, por fim, é portador de um sistema de valores, de uma ideologia e de uma cultura<sup>IX</sup>.

O livro didático, portanto, se faz presente na cultura material escolar, que no entendimento de Rosa Fátima de Souza se constitui uma expressão em que

ao recortar o universo da cultura material especificando um domínio próprio, isto é, o dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia o seu significado reinserindo as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social<sup>X</sup>.

Como aponta Rosa Lydia Teixeira Corrêa,

o livro escolar, ao fazer parte da cultura da escola, não integra essa cultura arbitrariamente. É organizado, veiculado e utilizado com uma intencionalidade, já que é portador de uma dimensão da cultura social mais ampla. Por isso, esse tipo de material serve como instrumento, por excelência, da análise sobre a “mediação” que a escola realiza entre a sociedade e os sujeitos em formação, o que significa interpretar parte de sua função social (CORRÊA, 2007, p.19).

bem como desvendá-lo, enquanto objeto da cultura escolar, é “contribuir para fazer a arqueologia das práticas escolares por meio dos materiais que compuseram o trabalho pedagógico desenvolvido na escola ao longo do tempo” (CORRÊA, 2007, p. 20).

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

## Os Estudos sobre a Materialidade do Livro Didático de História

Uma rápida passagem por uma biblioteca onde se encontrem livros didáticos de várias épocas nos dará um retrato da diversidade de formas e tamanhos, estilos tipográficos e, se a curiosidade e interesse nos levar a folheá-los, os modos de organização desses manuais (divisão de capítulos, disposição dos exercícios, figuras etc.), além de uso das cores e estilos tipográficos (tipos de letras).

Estas características refletem os costumes de uma época. Se metodologicamente investigadas podem, sem dúvida, esclarecer-nos acerca de práticas escolares em um período histórico específico. A materialidade do impresso dá pistas dos possíveis e prováveis usos deste artefato didático.

Mas, o que é esse objeto? De acordo com Itamar Freitas, livro didático é

“um artefato impresso em papel, que veicula imagens e textos em formato linear e sequencial, planejado, organizado e produzido especificamente para uso em situações didáticas, envolvendo predominantemente alunos e professores, e que tem a função de transmitir saberes circunscritos a uma disciplina escolar”<sup>XI</sup>.

Podemos observar, a partir dessa definição, que, em razão de suas especificidades de uso, a produção do livro didático constitui um complexo processo no qual diversos agentes interagem para conformar o produto final a ser consumido por alunos e professores.

Nos estudos sobre o livro e a leitura, Roger Chartier aborda o impresso “como signo cultural, suporte de um sentido transmitido pela imagem ou pelo texto”, apontando que, já no século XVIII, os recursos gráficos eram utilizados como afirmação de que “o texto não encerra, pois, de modo nenhum, todos os valores do livro, onde várias linguagens estão inscritas”<sup>XII</sup>.

Como tem sido abordada a materialidade do livro didático na historiografia didática em Sergipe? O olhar sobre a produção didática de história de Sergipe vem obtendo dos pesquisadores apenas estudos concentrados no conteúdo didático-pedagógico. Os aspectos físicos do livro, relacionados ao formato, tipo de papel, fontes, organização das páginas, uso da cor, encadernação e outras referências ligadas ao projeto gráfico dos impressos ainda não receberam a devida atenção dos pesquisadores.

Exemplo são os artigos de Antônio Wanderley de Melo Corrêa (1998) e de Itamar Freitas (2001), onde os autores fazem um alentado balanço da produção didática em nosso Estado nos últimos cem anos e convidam os pesquisadores a um olhar mais atento para o livro didático de história. O foco da análise, entretanto, se restringe a apontar aspectos didático-pedagógicos e problemáticas de estudo da história ensinada, não se atendo à materialidade dessas obras, ou seja, de que forma foram concebidas enquanto produto de consumo, a existência ou não de um projeto gráfico, a utilização de fotos, imagens, tipo de papel, cores etc.

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

O uso diário do livro didático não deixa aparentes a presença desses princípios. Porém, ao analisar investigações realizadas nas décadas de 1960 e 1970 sobre a legibilidade do texto no livro didático (também considerada no projeto gráfico) e depoimentos com projetistas gráficos de editoras do Brasil, o professor Kazumi Munakata (2000), assinala que, na verdade, o que temos “é a experiência de *savoir-faire*, que não pode esperar pelo veredicto da ciência”. A diretora de arte Rosiani Oliveira Silva chega a afirmar que “é tentar mesmo, porque é impossível você chegar na [sic] expectativa do outro, principalmente criança, porque eu acho que o mundo deles é ainda muito mais livre do que o da gente”<sup>XIII</sup>. A experiência, portanto, desconsidera as regras estabelecidas na busca do equilíbrio e eficiência visual.

## A Materialidade do Livro Didático de História de Sergipe: um Novo Objeto de Estudo

O professor Munakata costuma afirmar que livro didático é um artefato de papel e tinta, costumeiramente, utilizado em situação didática. Mas alerta: “não são meramente ideias, sentimentos, imagens, sensações, significações que o texto possa representar. Nem tampouco é o texto em abstrato. Pois esse texto de que as pessoas normalmente vêem apenas idéias, sentimentos, imagens, etc., é constituído de letras (confeccionadas com tinta sobre papel) segundo uma família de tipo (ou face de tipo ou fonte), que lhes dá homogeneidade.”<sup>XIV</sup>.

A definição é suficiente para compreendermos as múltiplas possibilidades de análise deste objeto fundamental na vida de professores e alunos brasileiros, nos séculos XIX, XX e XXI: o livro didático.

Sobre esse tema, os pesquisadores do ensino de história pouco avançaram. Em revisão de literatura sobre didáticos no ocidente, Alain Choppin afirma que apenas no final da década de 1980, “o livro didático deixou de ser considerado como um texto subsidiariamente ‘enfeitado’ de ilustrações” e a iconografia didática – e a articulação semântica que une o texto e a imagem – passou a ganhar relevância<sup>XV</sup>.

Vejamos também alguns exemplos específicos para o livro didático de história regional, no caso, o livro para as séries iniciais de história de Sergipe. No final do século XIX, a escrita didática para crianças configurava-se num resumo de obra de erudição sobre o mesmo tema. Assim, a *História de Sergipe* de Laudelino Freire (1898) reduzia o formato original, concentrava o conteúdo, mas mantinha a narrativa política e realista e o vocabulário cientificista da *História de Sergipe* de Felisbelo Freire (1891). Já em 1916, Elias Montalvão passou a contar a história em forma de pequenos contos, em discurso direto, cujos personagens estavam ligados à vida do estudante: a avó, a tia, os colegas de turma e o professor<sup>XVI</sup>.

A iniciativa de Montalvão somente ganharia um concorrente na década de 1970, quando o professor Acrísio Torres Araújo (1973) publicou *Minha terra, minha gente*, obra dedicada à então 1ª série do 1º grau.

Como alertou Allain Choppin, e seguindo os passos de Kazumi Munakata, faremos uma análise de alguns dispositivos estabelecidos pelo editor da obra. Vejamos,

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

então, como se configuram aspectos do projeto gráfico de uma obra didática, buscando entender como a organização gráfica dos conteúdos se reveste de importância para o processo de ensino-aprendizagem.

Os princípios visuais do projeto gráfico são hoje considerados parte indissociável de qualquer análise de livros didáticos, pois auxiliam na eficiência da aprendizagem. Devem ser observados os usos das técnicas que fazem ligação e criam hierarquia entre os diversos elementos. Por isso, analisaremos o *Minha terra, minha gente*, levando em conta o equilíbrio, simetria, regularidade, simplicidade, unidade, sequencialidade e, principalmente, contraste, repetição, alinhamento e proximidade que organizam a informação e reforçam a unidade visual, princípios estes que contribuem na apreensão dos conteúdos<sup>XVII</sup>.

Com 63 páginas, lombada quadrada e junção das páginas feita por colagem, o livro mede 15,7 x 23,4 cm e possui 19 fotos – sendo 3 a mesma reprodução do monumento a Inácio Barbosa, em tamanhos variados –, 6 ilustrações e 5 mapas. Traz uma foto aérea colorida de Aracaju, ocupando dois terços da capa e contracapa. Uma tarja vermelha medindo 6,2 cm de altura ocupa um terço da capa e contracapa salientando o título. Assinalamos aqui o eficiente contraste entre o azul claro do céu na foto e a tarja vermelha, contribuindo para dar destaque ao título em letras grandes na cor amarela dentro da tarja.

Na folha de rosto, ou frontispício, está colocada ao fundo uma foto em preto e branco do monumento a Inácio Barbosa, com uma pequena tarja branca de 1 cm na parte inferior da página. Essa foto, por sinal, se repetirá mais três vezes em tamanhos variados ao longo do livro. Sobre ela estão colocados o nome do autor, o título do livro, as frases “Área: Estudos Sociais” e “Ensino de Primeiro Grau”, a indicação “1ª Série”, a editora, a cidade e estado e a data da publicação do livro. Todas as fontes estão em preto variando de tamanho, entre caixa alta e baixa e letras com e sem serifa, não havendo, portanto, um padrão visual.

Na página seguinte, no lado superior direito, consta o nome “Índice”, em destaque, fonte sem serifa e caixa baixa. A lista de índice está em caixa alta e baixa, fonte serifada, em tamanho 16, com itens numerados, divididos em duas partes, continuando no verso da folha. Os títulos das partes estão centralizados, na mesma fonte da lista e em negrito. Aqui, o destaque que se verifica hierarquizando o título da seção em tamanho maior e o conteúdo padronizado da lista em fonte diferenciada, parece ter sido apenas uma opção de momento do diagramador e não algo programado, já que não se verifica a tipologia da fonte em nenhuma outra parte da obra.

Após o índice, há uma página com um pequeno texto de apresentação em três parágrafos com alinhamento justificado, fonte serifada em caixa alta e baixa, em negrito, com título centralizado na mesma fonte e em caixa alta. Abaixo do texto, do lado direito aparece a indicação “O autor” em caixa alta e fonte serifada diferente do texto. O tamanho de fonte apresentado nesse texto, possivelmente 16, vai ser utilizado em todos os textos do livro, trazendo a mesma estrutura de parágrafos curtos e letras grandes, permitindo fácil leitura ao público destinado, ou seja, crianças da 1ª série.

Para indicar o início de cada uma das duas partes da obra há uma folha com uma foto “sangrada” ocupando toda a página. Minha terra é aberta pela foto do marco sobre

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

o Rio Real. Na parte superior da página, está indicado o título em caixa alta e fonte sem serifa. Na parte inferior esquerda consta a legenda da foto sobre uma tarja branca de 1 cm de altura. As legendas na obra de Torres, apesar de serem em sua quase totalidade de uma linha apenas, não estão presentes em todas as fotos e imagens e aparecem em locais diferenciados (acima, abaixo ou ao lado das fotos). Minha Gente é aberta pela foto do monumento a Inácio Barbosa (novamente). Na parte superior da página está indicado o título em caixa alta e fonte sem serifa.

A primeira parte do livro, “Minha Terra”, é composta de nove capítulos que ocupam, cada um, somente uma página ímpar, com o verso da página – de número par – reservado para exercícios. Entretanto, são exceções os capítulos 4 – onde no verso também aparece uma foto na parte inferior da página com legenda em uma linha – e o 5, onde o texto avança dois parágrafos no verso da página, junto aos exercícios. Novamente a falta de unidade e repetição que caracterizam um projeto gráfico eficiente.

A página consta de uma ilustração (Capítulo 1), uma foto acompanhada de uma legenda em uma linha, acima ou abaixo da foto (Capítulos 6, 7 e 8) ou um mapa (Capítulos 2, 3, 4, 5 e 9) geralmente ligado ao assunto do capítulo - O mapa que abre o capítulo 2, sobre os limites de Sergipe, está colocado na horizontal, talvez por falta de recursos para fazer uma redução no desenho, comprometendo a informação, já que a posição do mapa destoava do que é informado no texto com relação aos limites entre Sergipe e os Estados da Bahia e Alagoas; o número do capítulo seguido do título em caixa alta e fonte serifada, em negrito, no mesmo tamanho do texto, sem posição definida; um pequeno texto com alinhamento justificado, fonte serifada, caixa alta e baixa, tamanho 16; número da página do lado inferior direito, em fonte não serifada e tamanho menor que o texto, não contado nos capítulos 2 e 7 – correspondentes às páginas 13 e 23, respectivamente. Nos versos, na parte superior das páginas, a palavra “Exercícios” aparece centralizada, em caixa alta e fonte serifada, logo abaixo, sempre duas questões numeradas e em itálico: “Responda”, com duas perguntas e “Complete no caderno”, com duas frases, na mesma fonte do texto principal, porém sem negrito e em tamanho menor. O capítulo 4, porém, é uma exceção, pois no verso também aparece uma foto na parte inferior da página com legenda em uma linha e sem número de página, e o 5 também, onde o texto avança dois parágrafos no verso da página junto aos exercícios.

A segunda parte do livro, “Minha Gente”, é composta de 16 capítulos que ocupam, cada um, somente uma página ímpar até o quinto capítulo e somente uma página par a partir do sexto. Essa mudança é marcada pela inserção da mesma foto do monumento a Inácio Barbosa na página 40 com legenda em duas linhas na página 41. Aqui se repete o que ocorreu na primeira parte da obra.

A página consta de uma ilustração (Capítulos 1, 2, 3, 4 e 6), uma foto acompanhada de uma legenda em uma linha, acima ou abaixo da foto (Capítulos 8, 9, 12 e 15) ou uma foto sem legenda (Capítulos 5, 7, 10, 11, 13 e 14), exceto o capítulo 16, onde só há texto; o número do capítulo seguido do título em caixa alta e fonte serifada, em negrito, no mesmo tamanho do texto, sem posição definida; um pequeno texto com alinhamento justificado, fonte serifada, caixa alta e baixa, tamanho 16; número da página do lado inferior direito nos capítulos 1 a 4 e 6, e do lado inferior

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

esquerdo 8, 12 e 15, em fonte não serifada e tamanho menor que o texto, não constando nos capítulos 6 e 9 – correspondentes às páginas 42 e 48, respectivamente.

As fotos e ilustrações são apresentadas sem padrão de técnica e tamanho. Na maioria dos casos, não contextualizam corretamente o que é anunciado na legenda, sendo as fotografias dos “heróis”, apresentadas a partir do capítulo 7, as de reprodução mais variada quanto à qualidade.

A análise acima mostra uma das possibilidades de estudo do objeto livro didático e possibilita interpretações acerca da construção do manual, a partir de interrogações que esclareçam o como, quem, onde e porque determinado livro foi feito utilizando tal ou qual procedimento tipográfico, bem como o resultado dos seus usos no ambiente escolar.

## Considerações Finais

O exemplo de análise das diversas e variadas configurações em que a obra *Minha Terra, Minha Gente*, de Acrísio Torres de Araújo, se apresenta - formatos, número de páginas, uso ou não de cores e ilustrações etc. – nos leva a afirmar a necessidade de uma aproximação teórica efetiva entre especialistas nas artes visuais e de educação, durante o processo de construção do livro didático, que integre as descobertas pedagógicas sobre a aprendizagem das crianças – independente do modelo teórico escolhido – às possibilidades oferecidas pela utilização correta dos princípios visuais. Com base em nossas análises, pudemos constatar a falta de um padrão de diagramação dentro dos próprios volumes de cada coleção. A variedade de formas de utilização dos elementos indica que a produção gráfica desses manuais segue mais as tentativas experimentais e o “saber-fazer” dos editores de arte e **designers**, como bem apontou Kazumi Munakata (1997) do que uma teorização acerca dos modos como o projeto gráfico pode auxiliar no processo de aprendizagem.

Mais que um aparato decorativo, o uso de recursos gráficos nos livros didáticos apresentam oportunidade de conhecer uma faceta da estrutura social do período estudado. As técnicas utilizadas – tanto em sua novidade quanto em sua tradição – refletem os valores sociais - modernos ou conservadores – de um tempo. E o livro didático utilizado na prática escolar cotidiana, pode nos oferecer esta oportunidade.

Por fim, Circe Bittencourt nos lembra que “o espaço escolar está associado intrinsecamente à construção do livro didático considerando que a escola é, fundamentalmente, uma instituição contraditória onde dominação e o conflitos convivem no cotidiano de alunos e professores desde sua criação pelo Estado Nacional”<sup>XVIII</sup>. Dessa forma, o livro didático é construção/resultado de um processo político, econômico, social e cultural que recebe influências de fora, mas que se constitui primordialmente nas relações dentro do ambiente escolar.

## NOTAS

---

<sup>I</sup> Professor Assistente da Universidade Tiradentes - UNIT. Coordenador dos Núcleos de Produção de Material Didático e Tecnologia da Informação do CESAD/UFS. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente – GET/UFS.

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

- 
- <sup>II</sup> HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**, 2001. CD-ROM.
- <sup>III</sup> HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**, 2001. CD-ROM.
- <sup>IV</sup> CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas**: sobre o estado da arte. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. p. 1-25.
- <sup>V</sup> BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 14.
- <sup>VI</sup> HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**, 2001. CD-ROM.
- <sup>VII</sup> HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**, 2001. CD-ROM.
- <sup>VIII</sup> JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, nº1 jan./jun. 2001. p. 9-43.
- <sup>IX</sup> Cf. BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e conhecimento histórico**: uma história do saber escolar. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1993. p. 3.
- <sup>X</sup> SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 170.
- <sup>XI</sup> FREITAS, Itamar. **Fundamentos teórico-metodológicos do ensino de História**. (Inédito). p. 76-77.
- <sup>XII</sup> CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 99-110.
- <sup>XIII</sup> MUNAKATA, Kazumi. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: mercado das Letras, 2000. p. 589.
- <sup>XIV</sup> MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. p. 84.
- <sup>XV</sup> CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas**: sobre o estado da arte. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. p. 33.
- <sup>XVI</sup> Cf. FREITAS, Itamar. O livro didático de história de Sergipe. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 29-30 jan. 2001.; FREITAS, Itamar. História de Sergipe para crianças. **A Semana em Foco**, Aracaju, 14 dez. 2003.; FREITAS, Itamar. A “guerra” das propedêuticas e o “terremoto de Lisboa”. **A Semana em Foco**, Aracaju, 1 fev. 2004a.; FREITAS, Itamar. Um resumo da história de Sergipe. **A Semana em Foco**, Aracaju, 2 mai. 2004b.
- <sup>XVII</sup> Cf. DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo : Martins Fontes, 1997
- <sup>XVIII</sup> BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 16.

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

---

## Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Acrísio Torres. **Minha terra, minha gente** (1ª série). Salvador: Editora do Brasil Na Bahia, 1973.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

\_\_\_\_\_. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

\_\_\_\_\_. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. (org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 77-105.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte**. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.

CORRÊA, Antônio Wanderley de Melo. Didáticos de história de Sergipe: 100 anos. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, 8, 10, 12, 13 e 20 nov. 1998.

CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. **Cadernos Cedes**, ano XX, no 52, novembro/2000. p. 11-24.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo : Martins Fontes, 1997

FREITAS, Itamar. **Fundamentos teórico-metodológicos do ensino de História**. (Inédito).

\_\_\_\_\_. O livro didático de história de Sergipe. **Jornal da Cidade**, Aracaju, 29-30 jan. 2001.

\_\_\_\_\_. História de Sergipe para crianças. **A Semana em Foco**, Aracaju, 14 dez. 2003.

\_\_\_\_\_. A “guerra” das propedêuticas e o “terremoto de Lisboa”. **A Semana em Foco**, Aracaju, 1 fev. 2004a.

# LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE: QUESTÕES SOBRE UM OBJETO DA CULTURA ESCOLAR

HERMESON ALVES DE MENEZES

---

\_\_\_\_\_. Um resumo da história de Sergipe. **A Semana em Foco**, Aracaju, 2 mai. 2004b.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**, 2001. CD-ROM.

JULIÁ, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, nº1 jan./jun. 2001. p. 9-43.

MENEZES, Hermeson Alves de. Livros didáticos de história de Sergipe para as séries iniciais do ensino fundamental: um estudo das soluções gráficas (1897-2007). In: **III Seminário Internacional de Educação**, 2007. São Cristóvão-SE.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: mercado das Letras, 2000. p. 577-594.

\_\_\_\_\_. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.